

JAZZ

5 ABRIL 2018

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Lucia Cadotsch

Speak Low

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Voz Lucia Cadotsch Saxofone tenor Otis Sandsjö Contrabaixo Petter Eldh

Qui 5 de abril

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h · M6

Retro-futurismo acústico

Regra geral, o que no campo do jazz separa os músicos tradicionalistas dos criativos é a relação que uns e outros têm com o Great American Songbook. Os primeiros colocam a interpretação dos chamados *standards* na base do seu trabalho, e fazem-no no integral respeito pelos originais, e os demais recusam terminantemente uma utilização desse repertório, preferindo compor peças próprias ou improvisar sem temas. Poucas exceções foram surgindo nesta divisão de tarefas, a mais notável sendo Anthony Braxton e apenas em algumas ocasiões, quando pega em velhas canções da Broadway, de Tin Pan Alley e de *jazzmen* de gerações anteriores para as esticar até quase romperem ou para as virar do avesso. À frente do seu quarteto com Marilyn Crispell, Mark Dresser e Gerry Hemingway chegou mesmo a (re-)interpretar quatro *standards* em simultâneo, um entregue a cada membro do grupo, em intrigantes jogos de combinação. Até que surgiu em cena uma cantora que recria, reinventa mesmo, os ditos *standards* por método e sistema, recusando uma passiva reprodução dos modelos que neles se encerram: Lucia Cadotsch. É ela que vamos ouvir em trio com Petter Eldh e Otis Sandsjö.

A maneira como o fazem inspira-se no trabalho dos DJs no hip-hop e na música eletrónica tocada com *samples*, mas não só nada transportam desses géneros musicais como trocam os seus processos digitais e analógicos de citação por operações bem mais artesanais,

centradas na voz e na manipulação de instrumentos acústicos como o saxofone tenor e o contrabaixo. Explica Cadotsch sobre o projeto estreado pelo álbum *Speak Low*, de 2016: «A minha ideia para esta formação é interpretar os clássicos de um modo que não seja o corrente. Foi uma longa procura até encontrar os músicos certos e depois, todos juntos, investigarmos que tipos de arranjos fariamos para as canções. Gosto da ideia de citação. Quentin Tarantino é brilhante nisso com os seus filmes. Há tão interessantes detalhes na música já existente que seria uma pena não os reciclarmos para lhes dar uma nova vida. Quando arranjamos a música do nosso repertório ouvimos diferentes gravações de uma mesma canção, fazemos *zoom* sobre os mais pequenos detalhes, transformamo-los e colocamo-los em destaque. Por exemplo, em *Deep Song* utilizamos como *loop* de baixo um compasso de uma linha de clarinete que encontrámos num disco de Billie Holiday. Por exemplo também, a introdução de *Ain't Got No / I Got Life* vem de um improviso que Nina Simone fez sobre esse tema num concerto em Londres.»

O procedimento não é propriamente óbvio e tem gerado alguns equívocos por parte de quem não estava à espera que cantigas com 60 ou 80 anos soassem tão... progressivas. Na imprensa especializada tem havido, inclusive, críticos que entendem o conceito como uma versão free jazz do Real Book, o que desagrada a Lucia Cadotsch mesmo que a menção surja acompanhada por elogios. «O free foi, com

certeza, uma influência importante para nos tornarmos nos músicos que somos hoje, mas houve muitas outras músicas que também contribuíram para tal. A música que tocamos não é free jazz, até porque os nossos arranjos são muito escritos. O que acontece é que, quando os tocamos ao vivo, tudo pode acontecer dentro dessas estruturas e usamos todos os tipos de cores e de técnicas, incluindo as extensivas – deixamos que os alcances totais dos nossos respetivos instrumentos, a minha voz entre eles, moldem as formas das canções», refere a vocalista de origem suíça.

Já a consideração feita por um jornalista, a de que «a arte da improvisação, tão geradora de liberdade, pode ser ainda mais libertadora quando colocada dentro de cuidadosos e construtivos confinamentos» é, no entender do grupo, mais certa quanto ao conceito *Speak Low*: «É uma bonita frase de Kevin Le Gendre. Ele descreveu a nossa música brilhantemente. Os arranjos estão escritos e nós interpretamos o que vem na partitura, mas tudo muda em cada concerto. Adoro que possamos tocar as mesmas canções de maneiras diferentes, que elas evoluam e que se renovem. Só neste quadro a nossa música é verdadeiramente free: move-se livremente dentro das suas molduras. O nosso propósito é chegar ao coração das canções e tirar tudo o que não é importante para projetar no nosso tempo o alcance emocional de que dispunham. Ainda assim, para os meus ouvidos, a música que resulta está cheia de ornamentações e emoções complexas. Sou uma pessoa muito emotiva

e não me parece que na atualidade sejamos mais “frios” ou mais *clean* do que em outros períodos históricos. As emoções podem é ser algo diferentes, mas nunca o saberei ao certo, porque é hoje que eu vivo.»

O que para Lucia é um tributo aos grandes temas do passado que marcaram o jazz pode, para outros, significar um desrespeito pelo cancionário norte-americano, mas o certo é que não se poderia esperar um juramento de bandeira por parte de uma artista que nasceu na Europa. Uma artista que do jazz não tem, para mais, a perspectiva sacralizante que encontramos nos circuitos mais conservadores e preservacionistas. Basta, aliás, verificar que o seu canto não é o mais típico do estilo “vocal jazz”, denunciando vastas influências clássicas e da folk. Por isso mesmo, a temas como *Strange Fruit*, *Willow Weep for Me* e *Moon River*, o alinhamento dos concertos deste grupo acrescenta as “Folk Songs” do compositor de música contemporânea Luciano Berio, por este entregues a Cathy Berberian – uma referência fundamental para Lucia Cadotsch, quase tão importante para ela quanto a de Nina Simone, que, por sinal, nem é considerada uma cantora de jazz pelo *establishment* pensante desta música. Seria improvável que músicos americanos tivessem o nível de distanciamento das fontes evidenciado pelo tratamento dado aos temas, mas há algo mais que justifica o desprendimento do trio: o facto de o projeto ter Berlim como berço, cidade onde todos os seus intervenientes habitam. «Berlim é uma urbe

que celebra a diversidade, a rebelião e a liberdade. Foi nela que conheci o Otis e o Petter, dois rapazes engraçados e dois músicos incríveis que calha serem ambos suecos. Berlim influencia-me todos os dias. Não quero repetir o que já existe e procuro rodear-me de pessoas que sejam tão inquisitivas quanto eu», diz Cadotsch.

Foi Petter Eldh quem escreveu o texto que apresenta esta música e com as suas palavras vos deixo: «Aquele era um mundo diferente. Houve um tempo antes de se poder amplificar o som com eletricidade, antes de se poder acumular som em plástico e de o transportar de um canto de Tellus para outro. Isto é uma remistura em que tudo se mantém simples e cru. Três vozes teimosamente criando o centro de toda a música; Ritmo! As velas ainda tremeluzem, as frequências de ontem ainda ressoam. Isto é retro-futurismo acústico!»

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Lucia Cadotsch

Nomeada pela Echo Jazz como a cantora do ano de 2017, Lucia Cadotsch é natural de Zurique, na Suíça, mas reside em Berlim. Com uma voz que interiorizou as características da folk tanto quanto as do canto feminino da história do jazz, é co-líder, com Wanja Slavin, da LIUN and the Science Fiction Band (avant-pop), pertence ao grupo Yellow Bird (Americana) e passou pela Lucerne Jazz Orchestra quando esta teve Hayden Chisholm como solista.

Otis Sandsjö

Ator durante a sua infância depois convertido à música, como saxofonista e cantor, Otis Sandsjö tem dividido a sua atividade por diversas áreas musicais, indo do folclore sueco-macedónio do coletivo Andra Generationen a bandas como Farvel (pop-jazz de carácter cinematográfico) e Gothenburg Gadjos (jazz com sonoridades balcánicas).

Petter Eldh

Contra baixista cada vez em maior destaque na cena europeia do jazz, o sueco Petter Eldh integra formações que têm estado especialmente sob os holofotes, como Amok Amor, que inclui o aclamado trompetista Peter Evans (jazz «urgente» com forte influência rock), Gard Nilssen's Acoustic Unity (free bop) e os Beloved de Django Bates (trio de piano jazz).

Próximo espetáculo

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Ciclo Caixa Geral de Depósitos / Culturgest

Música Sex 6 de abril

Palco do Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



© Marcelo Albuquerque | Metropolitana

Este programa confronta dois universos criativos singulares: G.P. Telemann e J.S. Bach.

Próximo espetáculo de jazz

Jonah Parzen-Johnson

Ciclo "Isto é Jazz?"
Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 13 de abril

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6



© Wilhelm Matthies

A herança é vasta e percorre as melodias simples da folk americana e a capacidade de abstração do free-jazz da escola de Chicago. Jonah recorre apenas a um saxofone barítono e um sintetizador analógico mas o resultado é ilimitado.

Conselho Diretivo

Presidente

Paulo Moita de Macedo

Administradores

José Ramalho (Direção Executiva)

Mark Deputter (Direção Artística)

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
(coordenadora)

João Belo

Helena Salgueiro (estagiária)

Tatiana São (estagiária)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona
(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira
(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Flávia Ferreira (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt